



A LUTA

CONTINUA

OUTUBRO
82

BOLETIM INFORMATIVO DA ASS. AMIZADE PORTUGAL - REP. POPULAR DE ANGOLA
R. PORTAS DE STO. ANTÃO, 117 - 2.º 1100 LISBOA TEL.: 36 97 77





A LUTA CONTINUA OCTUBRO 82

BOLETIM INFORMATIVO DA ASS. AMIZADE PORTUGAL - REP. POPULAR DE ANGOLA
R. PORTAS DE STO. ANTÃO 117-27 1100 LISBOA TEL. 36 97 77



Propriedade:
ASSOCIAÇÃO DE
AMIZADE PORTUGAL -
REPÚBLICA POPULAR
DE ANGOLA
R. Portas de Sto. Antão,
n.º 117-2.º
1100 Lisboa
Telefone: 36 97 77

Edição de:
Outubro 1982

**Composição
Impressão
e Acabamento:**
PROENÇA
Cooperativa Operária
de Artes Gráficas, CRL
R. da Saudade, n.º 6
1100 Lisboa
Tel.: 86 92 49 - 86 55 89

SUMÁRIO:

As Sanções à África do Sul e a Hipocrisia do Governo Português	2
ANC: 70 Anos de Luta	2
EDITORIAL	
Reagan: Deixai a Namíbia ser... ..Sul-Africana!...	4
Os Cubanos em Angola	4
Parque Nacional da Kissama	5
Comunicado da APA	6
Viana: Zona Industrial onde se constrói o futuro	7
Cabinda	8
A Exploração Petrolífera	9
21.º ANIVERSÁRIO "4 de Fevereiro em Portugal	10 e 11
Presidente Eanes visita Angola	12
Noticiário	13
Delegações	14
Proclamação das F.A.P.L.A.	15
Visita de uma delegação da APA à República Popular de Angola	16

As sanções à África do Sul e a hipocrisia do Governo Português

Aquando da invasão racista sul-africana à RPA iniciada em 23 de Agosto de 1981, após expressiva e inequívoca tomada de posição por parte do movimento popular e de múltiplas organizações representativas, após o repúdio da opinião pública portuguesa, o Governo apareceu timidamente a condenar a atitude das autoridades do regime de apartheid de Pretória. O vazio das suas palavras foi oportunamente denunciado, designadamente pela APA, uma vez que em paralelo, o Governo AD permitia a venda de armas à África do Sul, estimulava as actividades dos mercenários e fantoches contra a RPA, acentuava o seu servilismo à administração estadunidense de Reagan, loucamente apostada no fomento da contra-revolução e da guerra na África Austral. Entre Outubro e Dezembro de 1981 efectuou-se a 36.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, onde foram aprovadas várias resoluções condenatórias do mais abominável regime dos nossos dias. Que comportamento teve o Governo português? Que imagem deu do Portugal de Abril?

PORTUGAL NA ONU

A resolução 36/172, "Política de Apartheid do Governo da África do Sul", aprovada em 17.1.81, contou mais uma vez com o hipócrita e dúbio posicionamento da representação portuguesa.



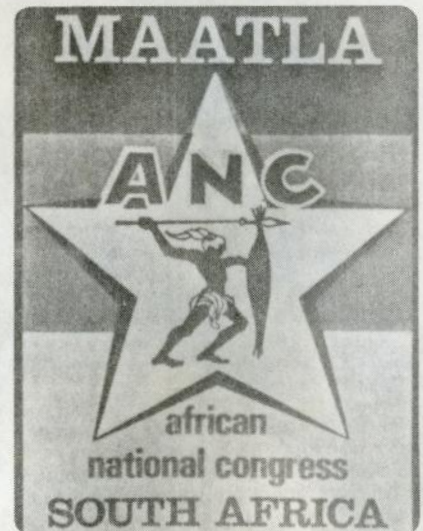
Votando a favor das alíneas concernentes a actos de agressão contra a RPA e outros países independentes da África, do programa de trabalho do Comité Especial contra o

Apartheid e sobre os investimentos na África do Sul, Portugal votou contra a definição

(Continua na pág. 15)

ANC: 70 anos de luta

O ANC — Congresso Nacional Africano, movimento de libertação fundado em 8.1.1912., internacionalmente reconhecido como legítimo representante do povo da África do Sul em luta contra o regime de "apartheid" e o racismo, comemora durante o corrente ano o seu 70.º ANIVERSÁRIO.



Em Portugal irão decorrer diversas iniciativas de solidariedade que serão apoiadas pela RPA. Uma campanha a favor da libertação de NELSON MANDELA e dos restantes presos políticos do regime de Pretória está em marcha no nosso país. A nível internacional várias organizações humanitárias e democráticas erguem a sua voz contra a execução de vários combatentes da liberdade, entre eles NAPHTHALI MANANA, JOHNSON LUBISI, PETRUS MASHIGO, ANTHONY TSOTSOBE, JOHANNES SHABANGU e DAVID MOISE, detidos nas masmorras da África do Sul.

À margem da diplomacia ou diplomacia marginal?

Ao longo do tempo, sempre o Editorial de "A LUTA CONTINUA", foi escrito por um dos membros da Direcção Nacional da nossa Associação.

Quebrámos hoje essa regra com o artigo "À margem da diplomacia ou diplomacia marginal?", artigo esse que foi também Editorial no "Jornal de Angola".

Pela sua actualidade e importância, pela luta que vai continuar contra a obstaculização das relações entre os nossos dois países, fazemos a sua transcrição.

Os órgãos de soberania da República Portuguesa continuam a não ter posições coincidentes, quer a respeito de questões de política interna quer a nível das relações internacionais.

O Executivo AD (Aliança Democrática), que agrupa três dos principais partidos de direita em Portugal, move de forma aberta e declarada uma guerra institucional contra a Presidência da República e o Conselho da Revolução, tratando de minar a autoridade legítima dessas duas instâncias governativas.

É esse desentendimento e confusão internos a nível dos mais elevados órgãos de governação, fruto de formas divergentes de encarar o desenvolvimento e os interesses de Portugal, que explica as contradições que, a todo o instante, se manifestam no seu seio, muito especialmente em relação à República Popular de Angola.

É do domínio público que um dos mais fortes instrumentos de desinformação e de calúnia contra a RPA é constituído pelos órgãos de informação (?) estatizados de Portugal (dependentes: portanto, do governo AD), conhecidas são também as ligações partidárias entre os dois principais partidos do poder (PSD e CDS) a traidores angolanos.

A política realista e consequente da República Popular de Angola — na esteira de uma atitude vinda da luta de libertação contra o colonialismo que sempre soube diferenciar os verdadeiros interesses do povo português dos interesses daqueles que o exploravam — permite-lhe manter relações com todos os países, incluindo Portugal, no quadro dos princípios de igualdade, reciprocidade de vantagens e não-ingerência nos assuntos internos.

Se a RPA conseguiu até hoje respeitar esses princípios, o mesmo não se poderá dizer de determinados sectores do governo português que insistem em fazer provocações tendentes a denegrir a franca relação pretendida entre os dois países, aberta pelo histórico Acordo de Bissau entre os presidentes Agostinho Neto e Ramalho Eanes, e em reabrir um contencioso entre os dois estados.

Um dos exemplos mais recentes dessa vontade deliberada de criar um mal estar entre os dois países consistiu na actual intervenção largamente publicitada do CDS, com vista a libertar alegados prisioneiros portugueses em poder dos traidores angolanos ao serviço directo dos racistas sul-africanos e do imperialismo internacional.

A farsa e a manobra são por demais evidentes. Só assim se compreende a tão aberta "compreensão" e "tolerância" manifestada imediatamente por um desses chefes da traição do povo angolano, o largo apoio financeiro e publicitário da operação por parte dos racistas sul-africanos e o empenhamento directo do CDS, partido pertencente ao governo português, o qual por esse facto, deveria subordinar-se de maneira mais coerente à política externa do seu País.

O momento escolhido para a operação publicitária é também óbvio. Pretendem com isso os seus autores turvar a eminente visita do Chefe de Estado Português à RPA, fomentando na opinião pública portuguesa receios e preconceitos ridículos em relação a essa deslocação e, ao mesmo tempo, lembrar aos seus correlegionários que a alternativa neo-colonial continua viva na existência dos fantoches armados pelos racistas sul-africanos e a administração Reagan.

Que um partido ou partidos portugueses sacrifiquem os interesses do País e do povo que legalmente pretendem representar em favor de interesses inconfessáveis, é tarefa que cabe ao próprio povo português claramente definir e levar a cabo.

A República Popular de Angola, por seu lado, continuará a trilhar o caminho de luta e dignidade, de seriedade e maturidade que em escassos anos de independência lhe valeram já a reputação de parceiro responsável nas relações internacionais.

Sem trair nunca os interesses do seu Povo e os seus princípios e gozando da simpatia e amizade dos seus aliados tradicionais e de todas as forças amantes da liberdade, paz e progresso social dos povos, ele procurará sempre trilhar os caminhos mais justos e eficazes para a completa e definitiva libertação do povo angolano de todas as taras herdadas da dominação colonial-fascista portuguesa e de todas as maquiavélicas e criminosas ambições do imperialismo internacional.

A Luta Continua
A Vitória é Certa

REAGAN:

“DEIXAI A NAMÍBIA SER... ...SUL-AFRICANA!...”

A actual administração norte-americana, utilizando o seu vasto aparelho de propaganda lançou uma campanha, mais uma, condicionando desta vez a questão da independência da Namíbia à retirada das forças cubanas de Angola!

Não existindo tropas cubanas junto à fronteira com a Namíbia, não havendo qualquer relação entre uma questão e outra, os EUA mais não visam do que prolongar a ocupação do território namibiano pelos racistas da África do Sul.

Esta tem sido de facto a sua posição, inclusive no seio dos países do “grupo de Contacto”, que parecem querer assenhorar-se do comando das operações, o qual deve ser conduzido em primeira instância pelas Nações Unidas.

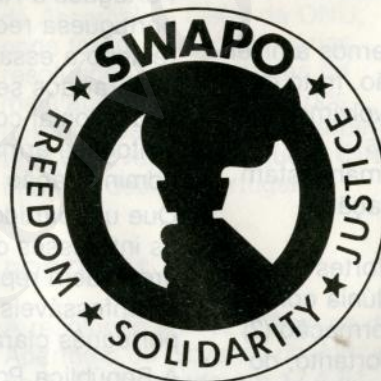
OS CUBANOS EM ANGOLA

O espantalho utilizado com a alegação da “presença cubana em Angola” mais não é que um pretexto hipócrita. Toda a gente sabe que os (internacionalistas) cubanos estão na RPA por solicitação das autoridades angolanas, em consequência das provocações e contínuas agressões (invasões) por parte do regime de Pretória. Trata-se de um acto que apenas diz respeito à soberania de Cuba e da RPA, duma questão bilateral em concordância com o Art.º 51.º da Carta da ONU. Em 22 de Abril de 1976, Angola e Cuba acordaram um Programa de Redução Progressiva das forças armadas cubanas. Isto

aconteceu um mês após a expulsão do território de todos os invasores: sul-africanos, zairenses, fantoches e mercenários. Mas as ameaças para a integridade da RPA não

ocupado da Namíbia, onde recebem instrução militar e equipamento diverso, sabem que a ajuda internacionalista só terminará quando assim o entenderem as autoridades de Angola e de Cuba. O que certamente se verificará quando cessarem eventuais hipóteses de invasão armada à nação angolana.

Enquanto isto, a comunidade internacional, as Nações Unidas, a OUA, os países não-alinhados continuam a defender a aplicação imediata da Resolução 435/78, do Conselho de Segurança da ONU; a SWAPO continua a organizar a resistência e a levar por diante a luta de libertação pela Independência da Namíbia. independência que, esperamos, se concretize a curto prazo, constituindo um passo decisivo para a pacificação na África Austral.



Carros de combate racistas em Angola

cessaram aí. Junto às suas fronteiras houve concentrações de forças da MATO; 1978 deu-se o massacre de Nassinga; as violações de fronteira ao sul, tornaram-se ininterruptas. Mesmo assim, em menos de um ano o contingente militar cubano foi reduzido em mais de um terço. O Programa de Redução Progressiva não pode prosseguir em virtude do agravamento das ameaças externas contra Angola.

Reagan e os seus comparsas aliados do regime fascista e de apartheid sul-africano, fomentadores de bandos de criminosos mercenários que assentam arraiais no território

ANGOLA

EM LISBOA

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

BERTRAND
Rua Garrett, n. 73

O SÉCULO
Praça de D. Pedro IV, n. 23

APOLLO 70
Av. Júlio Dinis

ESTAÇÃO DO ROSSIO

ESTAÇÃO DE STA. APOLÓNIA

TABACARIA DO AEROPORTO

TABACARIA DO PENTA HOTEL

TABACARIA MAZI
Centro Comercial Imviz

LIVRARIA INTERLIVRO
Rua Pedro Nunes, n. 9-A

LIVRARIA POPULAR DOS OLIVAIS
Rua Cidade de Queimane, 3-A

LIVRARIA CDL
Av. Santos Dumond, n. 63

Preço 15000

CDL a distribuição

PARQUE NACIONAL DA KISSAMA

- PRESERVAR A FAUNA E A FLORA
- PROTEGER AS RIQUEZAS MATERIAIS DO PAÍS

Percorrer o parque natural da Kissama é visitar o museu Histórico Natural sem embalsamação. Ao longo dos 9960 quilómetros quadrados deste jardim zoológico sem jaulas, sem fronteiras que não sejam o mar, o rio Kwanza, majestoso, ao norte, o Longa ao sul, e, entre as acácias e os capinzais, os maboques e os papiros, entre o canalial das longas planícies alagadiças e os imbondeiros, é a natureza que habita, é a vida e a luta pela vida dos animais.

A Kissama fora reserva de caça desde 1938.

Em 1957 foi transformada em parque natural. De então para cá a caça foi proibida. Apenas os "fenélas" espraiaram, também aí, o seu banditismo, no esmifrar do marfim, em 1975.

A pouco mais de sessenta quilómetros da capital o acesso pode fazer-se pela estrada asfaltada para Catete, com desvio até à margem direita do Kwanza. A travessia faz-se, depois, por jangada. Contudo, quem como nós tiver por destino o acantonamento na aldeia turística de KÁUA, o percurso mais directo é pela estrada que liga Luanda ao Sul, junto à orla marítima. Passeio de invulgar beleza que vai da paisagem tropical da ilha do Mussulo às paradisíacas praias da barra do Kwanza. O importante caudal do rio que deu nome de povo aos escudos é galgado por uma ponte suspensa, onde as cabinas da portagem foram substituídas por postos de vigilância das FAPLA.

Uma teia de estradas de terra batida rasga a parte norte do Parque conduzindo os visitantes aos cursos de água, a miradouros, a jangos (aprazíveis coberturas tradicionais para piqueniques), ou a lagoas como a de Cacoba na baixa da KIANA.

O administrador do Parque, Camarada Paradela, um experimentado caçador e conhecedor da fauna local, ao acolher a delegação APA deu uma panorâmica pormenorizada da visita que se iria fazer na madrugada seguinte.

Na Kissama podem avistar-se maravilhas que vão dos pequenos e coloridos pássaros bico-de-lacre, às mais raras espécies botânicas, como seja a Tessmania, bonita planta de flores róseas, exclusivo da região que encanta o olhar entre lírios selvagens e buganvílias.

As maiores concentrações animais são as da pacassa, búfalo vermelho que calcorreia toda a área em abundantes

manadas. As palancas vermelhas (palanca preta, famosa e rara, só existe na província de Malange), elefantes, gungas, nunces e golungos, povoam também o Parque em grande escala. Menos numerosos, mas também abundantes, são os leões, leopardos, hienas, javalis, chacais, hipopótamos, jacarês, macacos, bambis, etc. Nos rios existe o raríssimo manatim e também tartarugas. Pitons e jibóias, que a vista humana dos transeuntes nem sempre alcança (felizmente!), serpenteiam por entre a vegetação.

Após a independência tem-se procedido à reclassificação de certos animais. Por comodismo ou ignorância alguns portugueses habituaram-se e habituaram a designação de "veado" à generalidade dos antílopes. O veado é um cervídeo, enquanto que alguns antílopes são bovídeos. Os guias e fiscais de caça do Parque estão a proceder a um recenseamento geral dos animais. A caça clandestina é punida com multas elevadas, existindo brigadas fiscalizadoras que fazem assíduas rondas, sobretudo nos limites naturais do Parque, para além dos quais se concentram populações.

RECORTES DE UMA VISITA INESQUECÍVEL

Perto das 5.30 horas da madrugada, quando o sol rompia, o Camarada Alberto Gouveia, nosso guia, encaminhava-nos para o Land-Rover e o Niva 1600 que nos conduziram às picadas circundantes. Dirijimo-nos, em primeiro lugar, margem do rio acima. Era nessa hora que os animais saíam da mata para beber água.



Estávamos na estação quente e iriam demorar-se por ali meia manhã refrescante.

Na véspera, quando nos dirigíamos para KÁVA, avistámos já uma pacassa, uma hiena e pequenas seixas. No declinar duma curva apertada o Camarada motorista não conseguira evitar o atropelamento duma cobra (jibóia?) com cerca de um metro de comprimento e a espessura aproximada dum pulso normal. A pouca distância do acampamento deparámos com os primeiros elefantes. Aliás, era visível a sua presença, quer pelos numerosos excrementos, quer pelo aspecto demolidor da sua passagem recente, por árvores e arbustos derrubados, quer ainda pelas cascas dos imbondeiros, desfibradas por dentes de marfim e mordicadas tão a contento. Pouco mais à frente um novo elefante, quando nos preparávamos para a fotografia da praxe investiu contra os jeeps em assustadora correria, tromba erguida, urro que nos fez (a nós portugueses) estremecer. O camarada guia explicou-nos, então, que sem darmos por isso nos instaláramos no meio de uma manada. Todas as manadas levam um elefante guia, à frente, um vigia, na vanguarda. No meio seguem as fêmeas com as crias. O elefante que nos fizera acelerar as pulsações era precisamente o vigia que, assustado com a nossa presença, pretendeu avisar os da frente, encobertos pela mata.

De facto, mais adiante o elefante guia atravessava pachorrontemente a picada, posto o que acelerámos para sítios mais tranquilos...

Não é habitual haver investidas contra os carros. Apenas os animais solitários, normalmente expulsos pelas comunidades da sua raça, ou feridos, se tornam mais perigosos e agressivos. Além de mais famílias de elefantes, vagueando ao longe, tivémos oportunidade de ver manadas de pacassas a escassos trinta metros, olhando-nos de soslaio, mas afastando-se para a quietude da margem. Um punhado de javalis, algumas palancas, macacos vários, nunces e aves de toda a espécie, completam a imagem memorável desta viagem que durou perto de quatro horas. O contacto directo com a natureza, com a mata selvagem pode dar-nos uma panorâmica da beleza e grandiosidade da África. Não daquela África de ficção que em pequenos devorávamos em banda desenhada, mas da África em luta pela sobrevivência, pela sua vida autónoma. Vida, afinal, a que o Homem Novo angolano não alheio, buscando talvez na sua fauna a inspiração dos seus anseios mais vastos pela LIBERDADE.



Acampamento da Kána

COMUNICADO DA APA

“Fim às actividades anti-angolanas em território português”

1 — A recente viagem do General Ramalho Eanes à República Popular de Angola teve uma enorme repercussão no futuro das relações entre Portugal e a RPA. As conversações com o Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da RPA, José Eduardo dos Santos, o comunicado conjunto assinado, os acordos comerciais realizados, abriram significativas perspectivas do reforço das relações entre os dois países. A viagem do Presidente da República contribuiu para o prestígio internacional de Portugal. As suas declarações de solidariedade para com a RPA e a condenação dos ataques militares dos racistas sul-africanos, o seu encontro com Sam Nujoma, Presidente da SWAPO, foram actos de prestígio e de solidariedade de Portugal libertado do fascismo para com a luta do povo irmão angolano, pela defesa da integridade territorial da sua pátria e para com a luta do povo namibiano, pela libertação dos criminosos racistas sul-africanos.

2 — As forças reacçãoárias, empregnadas pelo mais cego colonialismo, lideradas pelo CDS, partido governamental, desencadearam na altura uma baixa manobra que visou criar

obstrução ao êxito da viagem presidencial. A manobra consistiu em apresentar um acto de banditismo e pirataria (rapto cidadãos portugueses), concretizada pelo bando de Savimbi, colaborador da Pide-DGS, laçao dos racistas sul-africanos como um gesto humanitário através da libertação desses cidadãos.

3 — Na ocasião a Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola ao saudar a Visita do Presidente condenou a campanha de intoxicação realizada com o apoio dos órgãos de comunicação social estatizados, com o pretexto daquela manobra e exigiu a proibição das actividades sobreversivas realizadas contra a RPA em território português.

4 — De novo alertamos a opinião pública portuguesa para o desenvolvimento destas actividades conspiradoras contra a RPA, contra a dignidade de Portugal. Ontem, dia 28, os grupelhos da FNLA e de convergência de Chipenda, distribuíram panfletos em que apelavam aos seus correlegionários para se manifestarem no jogo Portugal-Angola, no início do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins,

no Pavilhão dos Desportos de Lisboa. Tais actividades à luz do dia, montadas às escancaras, esclarecem-nos que esses grupos se encontram impunemente em Portugal, as suas acções ofendem as normas do Direito Internacional, constituem uma grosseira ingerência nos assuntos internos do Estado Angolano, criam obstáculos ao desenvolvimento das relações entre Portugal e Angola. Os tumultos que pretendem realizar no jogo Portugal-Angola a contar para o campeonato mundial é mais uma provocação que exigimos que seja imediatamente desmantelada pelo governo AD, para evitar tais actos provocatórios que ofendem a RPA, a política externa portuguesa, o espírito desportivo, desta prestigiada competição mundial de que Portugal é o organizador.

A direcção Nacional da ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-RPA

Comunicado enviado:
 “Diário”, “Angop”, “D. Lisboa”, “Anop”, Federação Portuguesa de Patinagem, Direcção Geral dos Desportos, “Mundo Desportivo”, “A Bola”, “Golo” e “Record”

TAAAG

**ASAS
 DE ANGOLA
 RUMO
 AO PROGRESSO**

VIANA: ZONA INDUSTRIAL ONDE SE CONSTRÓI O FUTURO

Grosso modo, Viana está para Luanda assim como Cabo Ruivo estará para Lisboa! A sua área alberga cinquenta e uma fábricas em pleno funcionamento, onde laboram cerca de cinco mil trabalhadores dos mais diversos ramos de actividade.

Viana é um dos nove comissariados da Grande Zona Administrativa de Luanda. Além do Cacuaço é o único comissariado municipal fora da área da cidade. Predominantemente industrial, Viana é uma região pródiga em produção agrícola, sobretudo em mandioca. Quando se iniciou a sua construção estaria destinada a ser uma cidade satélite. Na era colonial tinha vinte mil habitantes, hoje possui cerca de cinquenta mil! O abrupto afluxo populacional deu origem a um problema: a falta de água que várias vezes se faz sentir devido às ligações clandestinas à rede distribuidora.

Pela mão do Comissário Municipal, Camarada Francisco Tiago da Silva, também Deputado à Assembleia do Povo, visitámos pormenorizadamente uma das fábricas: a ENACMA — Empresa Nacional de Construção e Montagem de Automóveis.

ENACMA: duas linhas de montagem, uma de autocarros, outra de automóveis ligeiros, viradas para a solução do problema dos transportes.

AUTOCARROS KEVE

Em visita conduzida, entre outros, pelos membros do Conselho Directivo da Empresa (Director, Primeiro-Secretário da Comissão Sindical e Coordenador do Partido), foi possível uma frutuosa troca de impressões com alguns dos 500 operários que ali empregam a força do seu trabalho.

Os autocarros são destinados às ligações interlocalidades. Utilizando motores Volvo e carroçarias Keve, da Hungria, pouco a pouco se vai concretizando a solução do

transporte de passageiros em todo o país. Há bem pouco tempo a produção era de oito "machimbombos" por mês. A direcção da fábrica e a célula do MPLA-Partido do Trabalho decidiram incentivar os trabalhadores a aumentar a produção para "resolver os problemas do povo". Foi posta em prática um pequeno estímulo material de dem Kwanzas por unidade. De momento constroem-se 22 autocarros por mês, ou seja, um em cada dia útil de trabalho.

A partir de Março conta-se que estes resultados venham a duplicar! Onze técnicos, cooperantes de nacionalidade húngara, dão o seu contributo ao cumprimento do plano e à reciclagem dos operários mais destacados.

UMA EMPRESA VIRADA PARA O PROGRESSO

A ENACMA é uma unidade de produção que caminha a passos largos para o progresso. Está prevista a curto prazo a ampliação das suas instalações, a transformação das linhas de montagem de modo a permitir-lhe uma produção maior e mais eficaz.

Uma atenção permanente é a de elevar o nível cultural dos operários e de aumentar a sua capacidade profissional. Em primeiro lugar, a alfabetização: no início de 1982, apesar do esforço até aqui desenvolvido, ainda existe uma percentagem de 30% de trabalhadores analfabetos. Estes, por etapas, são dispensados do serviço entre as 14.30 e as 16 horas para frequentar os cursos de alfabetização.

Em segundo lugar, a formação profissional: as antigas instalações da Oliva foram adquiridas e funcionam hoje como escola. Ali se vão formando quadros capazes no futuro de manter o funcionamento e de imprimir um maior desenvolvimento à empresa.

O leque salarial existente foi acordado pelos trabalhadores e varia entre seis mil e vinte e sete mil Kwanzas.

A ENACMA não comercializa as viaturas que produz. Entrega-as ao Ministério dos Transportes, entidade que estabelece critérios de distribuição de acordo com as necessidades do estado.



sismet

SISTEMAS E MÉTODOS DE ORGANIZAÇÃO E INFORMÁTICA, SARL

Com uma equipa de mais de uma centena de colaboradores, constituímos um conjunto de especialistas com elevado grau de conhecimentos, experiência e capacidade. Somos uma organização empresarial dinâmica que trabalha em Portugal, Angola e Moçambique, para entidades do aparelho de estado, autarquias locais, sectores empresarial e cooperativo e outras instituições.

A nossa larga experiência, a crescente especialização, uma permanente criatividade e a adequação às realidades e exigências dos nossos Clientes, são componentes constantes da nossa forma de actuação e garantem o continuo reforço da capacidade SISMET.

- ADMINISTRAÇÃO, DEPARTAMENTOS ADMINISTRATIVO - FINANÇEIRO ORGANIZAÇÃO ESTUDOS
Rua da Beneficência, 229-3.º 1600 LISBOA
Telefs. 76 37 01-76 08 39-73 45 22
- DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA
Av. Santos Dumont, 50 1000 LISBOA
Telef. 73 14 60
- DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS
Rua Sanches Coelho, 1-9.º 1600 LISBOA
Telef. 76 79 91
- ESCRITÓRIO NA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
Av. Samora Machel-Prédio Fonte Azul-4.º andar
C. P. 2906 MAPUTO Telef. 22417
- CORPO TÉCNICO PERMANENTE NA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
C. P. 10789 LUANDA Telef. 36213

Áreas de Actuação

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO

- Modelos de estrutura
- Organização de sistemas:
 - gestão de pessoal, património, expediente e arquivo, aprovisionamentos, contabilidade, controlo de custos
- Sistemas de informação para gestão

FORMAÇÃO

- Planeamento e implementação de acções de formação
 - Cursos de organização, planeamento e gestão
 - Cursos de análise de sistemas
 - Cursos de aperfeiçoamento profissional

ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO

- Planeamento e gestão urbana
- Estudos de desenvolvimento integrado
- Estudos socioeconómicos

RECRUTAMENTO E SELECÇÃO

- Elaboração de perfis funcionais
- Aplicação de provas técnicas e de aptidão
- Classificação profissional

ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICO-ECONÓMICA

- Estudos de viabilidade e/ou oportunidade:
 - projectos industriais
 - zonas industriais
 - criação de empresas
 - Estudos de investimentos
 - Estudos tarifários

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

- Concepção de meios audiovisuais
- Concepção e implementação de exposições

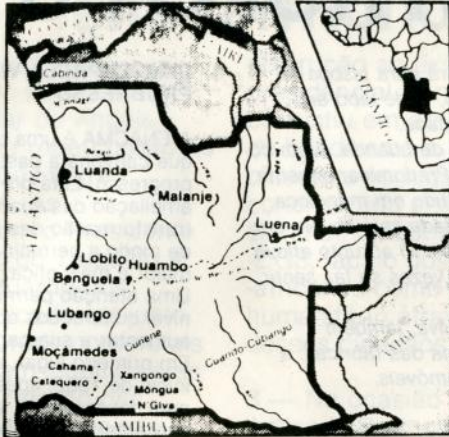
INFORMÁTICA

- Concepção de sistemas
- Análise funcional e orgânica
- Programação
- Gravação de dados
- Processamentos:
 - Consumos de água, vencimentos/gestão de pessoal, contabilidade, stocks, controlo de projectos

GERENCIAMENTO E COORDENAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS

- Estudo de optimização de empreendimentos
 - Estudo e acompanhamento de financiamentos
 - Análise e elaboração de propostas, cadernos de encargos, programas de consultas e contratos
 - Coordenação geral de empreendimentos
- Assessoria à gestão de empreendimentos

CABINDA



Cabinda passou a fazer parte integrante do território angolano aquando da assinatura do Tratado de SIMULAMBUCO, em 1/2/1885. Antiga possessão, passou a reger-se pela administração colonial portuguesa até à proclamação da independência da República Popular de Angola, em 11/11/1975. Em Simulambuco ainda existe um monumento, por onde passou Craveiro Lopes, em 31/3/1954, que assinala a assinatura do Tratado. O colonialismo fez também erigir um monumento ao Infante D. Henrique, no centro da cidade de Cabinda, na passagem do 5.º centenário da sua morte (1960), onde, ironicamente inscreveu: "Talent de bien faire"! O resultado foi, como se sabe, cinco séculos de exploração e subdesenvolvimento...

No extremo norte da RPA, fazendo fronteira com o Congo-Brazzaville e o Zaire, Cabinda é banhada a ocidente pelo Atlântico e a sul pelo rio do mesmo nome.

Ao contrário do que os fantoches da chamada FLEC e certos reaccionários portugueses afirmam, é uma província que uma vida absolutamente normal, onde a indústria e o comércio funcionam regularmente, onde certas dificuldades patentes noutras regiões do país são, aí inexistentes.

O banditismo existente, exaltado em Portugal por certos

vendedores de sonhos como "grandes acções armadas de libertação", não vai além de pequenos actos terroristas no sentido de intimidar a população. Tratando-se de uma zona de grande intensidade florestal, onde fica a célebre mata do Mayombe e onde o MPLA implantou a sua segunda região militar durante a guerra colonial, os grupos terroristas saqueiam transeuntes, intimidam ou assassinam trabalhadores agrícolas. Na opinião de residentes locais esse pequeno punhado de bandoleiros sobrevivem na mata após a 2.ª Guerra de Libertação Nacional. Receando entregar-se às autoridades e não contando com o mínimo apoio da população local, efectuem os seus ataques traiçoeiros, saqueando o que podem para garantir a subsistência. Em breve terá início a construção dum grande porto marítimo, destinado a cargas e

descargas de navios de grande porte. Iniciativa que é indispensável para o maior desenvolvimento da região.

O abastecimento de géneros às populações é garantido pelas Lojas do Povo (só na cidade de Cabinda existem 6), além de vários estabelecimentos comerciais privados. Existem ainda lojas específicas que abastecem sectores diversificados, tais como, cooperantes, governo provincial, militares, responsáveis da administração local, partido e o DP.

Um moderno hotel, o "Congresso", está praticamente concluído, estando prevista a sua inauguração para breve.

Tal como nas restantes províncias, também em Cabinda existe um emissor regional da Rádio Nacional de Angola, com programação própria, excepto nos noticiários emitidos de Luanda.

Há meses atrás existiam problemas com a energia eléctrica na cidade. Os velhos geradores eram insuficientes para o abastecimento, designadamente de algumas fábricas. Foi entretanto montada uma Turbina a Gás, com capacidade para a produção de 15 megas, que se encontra em pleno funcionamento. Subsistem, contudo, dificuldades na velha rede de distribuição. Uma intempérie ou a queda duma árvore são suficientes para interromper a circulação de energia. Assim vai ser construída nova rede, agora subterrânea.

Também os velhos geradores, de fabrico italiano, vão ser reparados para acudir a qualquer emergência.

ENCONTRO COM A COMUNIDADE PORTUGUESA

A delegação da APA teve um encontro no Comissariado Provincial com a Comunidade Portuguesa, onde estiveram presentes cerca de 40 dos 142 portugueses residentes e cooperantes em Cabinda. Alguns destes compatriotas residem na região há perto de 50 anos, tendo resistido às guerras de libertação e mantendo-se nos seus postos de trabalho, contribuindo para a reconstrução

nacional de Angola.

Durante a troca de impressões efectuada foram postas algumas questões relacionadas com o estado das relações ente os dois países. Foi censurada a forma como os órgãos de informação portugueses, em geral, noticiam os acontecimentos angolanos. Foi manifestado o interesse em aprofundar os contactos recíprocos entre aqueles portugueses e a APA.



No continente africano os principais países produtores de petróleo são a Nigéria, a Líbia e a Argélia, todos membros da OPEP, tal como o Gabão. Outros países se destacam na produção, como o Egito e Angola, seguidos à distância pela Tunísia, Congo, Camarões e Zaire. Todo o continente, contudo, não chega a atingir 10% da produção mundial.

Várias prospecções fornecem indicativos da existência de jazidas inexploradas no subsolo angolano. A produção da RPA tem vindo a subir gradualmente, tendo atingido os 8 milhões de toneladas em 1980. Mas tal como dizia Niclas Sarkis, tal progresso é devidamente

A EXPLORAÇÃO PETROLÍFERA

O petróleo constitui a principal fonte de receitas em divisas da República Popular de Angola

Num seminário internacional sobre energia, realizado em Luanda no ano de 1981, o Dr. Nicolas Sarkis, conhecido especialista em assuntos energéticos advertiu:

"Se o desenvolvimento da produção petrolífera nacional e o crescimento das receitas petrolíferas constituem inalienavelmente um poderoso estímulo para o desenvolvimento da economia nacional, não é menos verdade que uma extensão incontrolada e demasiado rápida do sector petrolífero conduz inevitavelmente a insucessos e a efeitos catastróficos sobre a economia de tais países".

controlado e não significa o sugar desenfreado de uma fonte de energia não renovável, como é o petróleo. Angola, bem como os restantes países africanos, vive numa certa dependência em matéria de aquisição de tecnologia, conhecimentos técnicos e científicos, bem como em relação à capacidade de financiamento de projectos de desenvolvimento sócio-económico, de forma a poder extrair para si todos os dividendos desta apreciável fonte de riqueza. Assim, além duma percentagem destinada a refinaria própria, e como solução transitória, tem de recorrer à produção e comercialização externa de petróleo bruto.

CABINDA GULF OIL

A "Cabinda Gulf oil" é uma empresa mista, maioritariamente angolana. A transnacional americana Gulf Oil detém 49% da empresa, pertencendo os restantes 51% ao estado. Entre o "lago" (petróleo pesado e mais viscoso) e o "lucula" (petróleo leve) produz-se actualmente uma média de 81 000 barris por dia, isto é perto de dois milhões e quinhentos mil barris por mês. Prevêm-se avanços significativos durante o ano de 1982. O plano determina o aumento próximo da extracção para 90 000 barris/dia, existindo projectos de novas sondas que podem aumentar a produção para 200 000 barris diários.

A FORMAÇÃO DE QUADROS

Para além da formação de quadros técnicos que possam vir a suprimir carências, contribuindo para o melhor funcionamento das fábricas, o MPLA-Partido do Trabalho tem dedicado particular atenção à preparação ideológica dos seus militantes, formando inúmeros quadros políticos nas escolas do Partido.

Estas escolas existem em praticamente todas as províncias do País. Aquando da nossa visita, na escola de Cabinda frequentavam-se três cursos: um

curso básico com frequência de 35 instruendos; um curso de formação cultural A3, com 19; um curso de formação cultural A4, com 22. Com uma média de 4.30 horas diárias de aulas, sendo as restantes para estudo e debate, o curso básico tem uma duração de 6 meses, enquanto que os de formação cultural, mais intensivos, duram um ano em cada escalão. Os frequentadores dos cursos praticam o regime de internato. As matérias estudadas, com base no estudo do marxismo-

-leninismo, vão da economia política à história do movimento operário e comunista internacional.

A História de Angola, ocultada ao povo angolano durante o colonialismo, é também matéria obrigatória nas escolas do Partido.

Numa aula que visitámos estudava-se a questão agrária. O professor debatia a explicação científica das seguintes palavras do Presidente José Eduardo dos Santos: "a terra pertence a quem a trabalha".



Em colaboração com a Embaixada da República Popular de Angola em Lisboa, a APA levou a efeito as comemorações da data histórica do 4 de Fevereiro de 1961, o início da luta armada em Angola.

Realizaram-se duas sessões comemorativas, uma em Lisboa na sede da Associação, outra no Barreiro na Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal.

Foram oradores na sessão do Barreiro, Domingos Lopes, Vice-Presidente da APA, Herculano José Carlos em

representação da Embaixada da RPA, e o Presidente da Câmara do Barreiro Hélder Madeira.

Reproduzimos algumas passagens das intervenções:

Domingos Lopes:

Há 21 anos o povo angolano iniciou a luta armada que conduziu à jornada vitoriosa de 11 de Novembro de 1975. Durante esses 14 anos o povo angolano dirigido pelo MPLA, com o saudoso presidente Agostinho Neto à cabeça, soube heroicamente fazer frente ao colonialismo português e aos

seus fantoches.

O povo português, em primeiro lugar a classe operária e as forças progressistas mais consequentes saudaram a coragem dos heróis do 4 de Fevereiro. O assalto às cadeias fascistas e colonialistas deu também novo alento à luta do povo português.

Foi uma nova e importante frente da batalha que se abriu ao inimigo comum. Os patriotas angolanos combatiam precisamente os mesmos inimigos que os trabalhadores portugueses combatiam. A diferença residia apenas nas formas de luta. Por isso vibrávamos com os vossos êxitos e sofriamos com as vossas derrotas de percurso. Nas mesmas cadeias, nas mesmas torturas, diante dos mesmos assassinos forjava-se a autêntica solidariedade internacionalista. No sangue dos heróis, na luta dos combatentes de ambos os povos, construiu-se um grande respeito mútuo, uma grande amizade e solidariedade que une os povos de Angola e Portugal. Na História poucas vezes se registaram situações de lutas tão convergentes e irmanadas de um espírito de tão alta solidariedade recíproca.

A vossa luta, camaradas angolanos, apressou Abril e a nossa luta apressou Novembro. Os nossos dois povos uniram para sempre na luta, a madrugada de Abril à noite de Novembro.

11 de Novembro não foi só o trocar da bandeira do colonialismo pela nova bandeira do país recém libertado. Nessa noite o que se erguia era de facto uma nova bandeira, o símbolo da verdadeira, da autêntica independência política e económica. Por isso o imperialismo inimigo da libertação nacional e social dos povos desencadeou uma nova guerra de conluio com os seus agentes locais contra o heróico povo angolano. Mas também de novo o povo angolano dirigido pelo MPLA contando com os amigos certos, os amigos das boas e más horas venceu os invasores racistas sul-africanos, zairenses, mercenários e fantoches escorraçando-os de Angola.

Foi pena que o governo português da altura se colocasse ao lado dessa gente.

Condenámo-lo. Águas passadas, diz-se, não movem moinhos.



Aspecto da mesa que presidiu à sessão do Barreiro

Certo. Mas se o trazemos à colação aqui e agora é porque nos nossos dias, o que continua a imperar em São Bento e nas Necessidades é a política desse passado. Vejamos.

À entrada da década de 80, o imperialismo norte-americano e os círculos mais retrógados da OTAN desencadearam uma tremenda contra-ofensiva para tentar sustentar a luta libertadora dos povos. Com a eleição do conhecido arqu-conservador e empedernido Ronald Reagan essa contra-ofensiva ainda se tornou mais agressiva e belicista.

De novo ouvimos na linguagem internacional o vocabulário dos anos 50. O aventureirismo, a irresponsabilidade, o belicismo instalaram-se na Casa Branca. Na África Austral, Reagan, Haig e C.^a estenderam de imediato a mão aos criminosos racistas sul-africanos. Deram luz verde para manter a ocupação militar ilegal da Namíbia e para atacar militarmente em grande escala Angola. E de novo voltou a guerra. A terceira. Todos os dias, todas as horas, no sul de Angola, os racistas matam, saqueiam, torturam, assassinam. Tudo o que vive é destruído pelo ódio feroz. Esta é a verdadeira cara do racismo e do imperialismo. Permitti, agora, amigos, companheiros e camaradas, que formule algumas perguntas. Que fizeram os amigos de Savimbi, do Chipenda, do Bota, do Reagan, do Haig pelo povo irmão angolano?

Quantas velas acenderam eles contra os crimes permanentes dos racistas? quantos programas de Televisão e de Rádio fizeram para mostrar os crimes dos racistas? Que medidas tomaram no plano internacional para obrigar os racistas a retirar de Angola? Que fizeram?

Encomendaram um filme de elogio aos homens de mão da África do Sul. Não votaram na ONU pela aplicação de sanções à África do Sul. Os inimigos do povo angolano continuam a organizar em Portugal a contra-revolução angolana. Os órgãos de comunicação social estatizados, pagos pelo povo português, continuam a distorcer a realidade angolana e a hostilizar a RPA. os jornais que apoiam o governo continuam a promover os fantoches que entretanto cada vez que abrem a boca ainda mais se

desmascaram. É só ler a última entrevista de Savimbi no dia 17 de Janeiro ao Correio da Manhã. Passo a citar... "Gostaríamos pois que todos cooperassem abertamente com a África do Sul...". Sem comentários. Face à invasão militar de Angola, face à ocupação ilegal da Namíbia, o governo e os seus apoiantes, através dos mass media, tudo têm feito para esconder os verdadeiros dados do problema, a saber.

1.º — De acordo com as decisões da ONU a SWAPO é a única e legítima representante do povo namibiano, donde a única posição legal e legítima é a do governo angolano ao actuar conforme essas decisões do direito internacional.

2.º — Os racistas devem retirar-se total e incondicionalmente do Sul de Angola.

3.º — Tudo deve ser feito no plano internacional para que assim seja e assim se proceda.

Herculano J. Carlos

É no 4 DE FEVEREIRO que se resumem todos os ideais justos de luta e de resistência de Angola e do Povo Angolano, contra todos os tipos de dominação, assumam os aspectos que assumirem: colonial, neo-colonial e imperialista. Os ideais de luta e resistência contra todas as manobras divisionistas internas e externas concertadas pelos CONVENCIDOS MONOPOLIZADORES DO SABER, DA CIÊNCIA, ali radicam, no 4 de Fevereiro. E só houve um QUATRO DE FEVEREIRO assim, completo, porque com o MPLA núcleo de todas as FORÇAS E VALORES da Nação, donde, como não podia deixar de ser, emanou as FAPLA — FORÇAS ARMADAS POPULARES DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA, que, denodadamente hoje defendem a integridade territorial e a soberania de Angola, com combates que determinado sector do Mundo da Informação ora ignora, ora realça conforme as conveniências sempre desestabilizadoras, porque são combates contra as entidades sul-africanas (SERES PENSANTES e SISTEMA DE GOVERNAÇÃO) que materializam o racismo, o genocídio, que conspurcam os altos desígnios da vivência e convivência dos seres pensantes que se

assumem HOMENS. Nós dissemos que se assumem HOMENS. Pois! Desta tribuna o convite aos HOMENS para o combate possível aos SUL- -AFRICANOS (seres pensantes em estádio degradante do ponto de vista da evolução dos SERES PENSANTES).

Com o 4 de Fevereiro é que foi possível encararmos a independência nacional de forma mais profunda, tão profunda a ultrapassar os figurinos de independência de Hino, Bandeira e Presidente preto. Como dizíamos, com o 4 de Fevereiro é que foi possível fazer luz de que a LUTA então desencadeada não o fora contra o POVO PORTUGUÊS mas contra o SISTEMA COLONIAL PORTUGUÊS e os seus representantes que afinal aqui em Portugal significavam o FASCISMO derrubado no 25 DE ABRIL DE 1974 que possibilitou a aproximação em particular dos povos de Angola e de Portugal e que selou a sua aliança já natural.

CONVÍVIO DESPORTIVO

No óptimo pavilhão gimnodesportivo de Siderurgia Nacional, em Paio Pires, efectuou-se um convívio desportivo para assinalar a passagem do "4 de Fevereiro". Foi disputado um torneio de futebol de salão, em duas jornadas (a 30/1/82 e 6/2/82) que teve os seguintes resultados:

1.ª jornada: APA-Embaixada de Moçambique (vitória da APA por falta de comparência), Embaixada de Angola-Embaixada da Guiné-Bissau (3-2).

Na 2.ª jornada, por ausência da equipa moçambicana, uma segunda equipa de Angola foi derrotada pela Guiné-Bissau. Na final, a APA perdeu com os titulares angolanos por 7-2! Duas equipas de Pioneiros de Paio Pires e outras duas de angolanos defrontaram-se entre si.

O Convívio terminou num participado almoço de confraternização num restaurante de Cacilhas, que contou com a presença do Sr. Embaixador da RPA, Camarada Adriano João Sebastião.

PRESIDENTE EANES VISITOU ANGOLA

De acordo com o que tem sido noticiado por órgãos de comunicação social, o Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, visitou Angola durante a primeira quinzena de Abril, a convite do Presidente José Eduardo dos Santos.

A Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola, que tem vindo a lutar para que as relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o povo português e o povo angolano encontrem eco nas relações entre os respectivos estados, congratula-se com o carácter amistoso desta visita.

O Presidente da República Popular de Angola José Eduardo dos Santos, deu uma informação detalhada sobre a situação prevalecte no sul do País, em consequência das constantes agressões da África do Sul a partir do território ilegalmente ocupado da Namíbia.

Informou ainda os esforços realizados e dos êxitos alcançados pelo Povo Angolano na edificação da sociedade socialista em Angola, com particular incidência às linhas mestras do desenvolvimento económico e social da República popular de Angola para a década de 80 e as orientações fundamentais para o quinquénio de 1981-1985.

O Presidente da República Portuguesa General António Ramalho Eanes, reiterou a condenação portuguesa pelos ataques de que é vítima a República popular de Angola, em flagrante violação da sua integridade territorial e dos mais elementares princípios de Direito Internacional.

O Presidente António Ramalho Eanes fez em seguida uma exposição sobre a situação interna do seu País, focando particularmente os resultados já obtidos na construção de uma sociedade democrática de prosperidade e de justiça social.

O Presidente José Eduardo dos Santos exprimiu o seu vivo apreço pelas conquistas políticas, económicas e sociais do Povo Português e sublinhou igualmente a solidariedade do Povo Angolano e do Governo da República Popular de Angola ao Povo Português.

No plano das relações entre os dois Países, os Presidentes analisaram os principais aspectos que as caracterizam, tendo-se congratulado pelo desenvolvimento já registado em vários domínios de cooperação e examinado medidas que possam favorecer o seu desejável incremento no respeito pelo princípio da reciprocidade de vantagens.

Ambos sublinharam a determinação política mútua de alargar as relações comuns, concordando na conveniência de ajustar os múltiplos interesses e vínculos que aproximam os dois Povos.

Neste contexto, foi assinalada a importância da última reunião da Comissão Mista, realizada em Luanda, no mês passado, para uma correcta avaliação das actividades de cooperação já efectuadas e para dinamização das extensas potencialidades que neste domínio se abrem a Angola e Portugal, designadamente nos sectores sócio-cultural, científico e técnico e no plano de cooperação económico-empresarial. Conscientes da natureza dos vínculos humanos em que assenta o relacionamento entre os dois Povos, as duas partes examinaram com particular atenção os meios adequados ao desenvolvimento das relações no plano cultural.

Os dois Presidentes abordaram ainda o actual quadro de relacionamento comercial, que vem registando rápida expansão, tendo examinado em pormenor os principais aspectos ligados ao seu incremento equilibrado.

Ambas as partes expressaram a preocupação com o agravamento da tensão internacional. A esse respeito, salientaram a necessidade de desenvolver esforços no sentido de um desarmamento geral e completo sob o controlo internacional e de favorecer as iniciativas conducentes ao desanuviamento internacional como meio de aproximação entre as nações.

Os dois Presidentes reafirmaram o seu apoio às medidas que possam conduzir ao estabelecimento de uma Nova Ordem Económica Internacional e de um mais eficaz diálogo Norte-Sul, com vista a eliminar as desigualdades entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos e a insegurança hoje prevalecte nas relações internacionais.

Os dois Presidentes abordaram alguns dos principais focos de tensão, nomeadamente na África, Europa e no Médio Oriente e reiteraram a plena adesão dos seus Países aos princípios fundamentais consagrados na Carta das Nações Unidas, sublinhando a necessidade de defender com firmeza o direito dos Povos à autodeterminação, a igualdade soberana dos Estados, a sua independência e integridade territorial e a mais estrita não ingerência nos seus assuntos internos. Neste quadro, foi

examinada demoradamente e em pormenor a situação na África Austral, reiterado conjuntamente o firme repúdio de ambos os Países às práticas de apartheid de discriminação racial ali existentes e condenadas as violações da integridade territorial dos países vizinhos que a República da África do Sul vem efectuando. Neste espírito, o Presidente Ramalho Eanes reafirmou a solidariedade do Povo Português ao Povo Angolano por motivo dos ataques sul-africanos de que Angola vem sendo repetidamente vítima. Ambos reafirmaram o seu activo apoio ao livre exercício do legítimo direito de autodeterminação pelo Povo Namibiano e manifestaram esperança de que os esforços desenvolvidos pelos Países da Linha da Frente e pelo Grupo de Contacto possam conduzir com urgência à independência da Namíbia, nos termos da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, pondo assim termo à presente situação de instabilidade.

No plano económico regional, foram trocadas impressões sobre as amplas potencialidades de desenvolvimento decorrentes dos esforços realizados no seio da SADCC (Conferência de Coordenação de Desenvolvimento da África Austral), em que Angola ocupa lugar de relevo e assinalado o valor desta iniciativa — que Portugal tem abertamente apoiado — para um maior progresso e independência económica dos países da área.

Os dois Presidentes examinaram em pormenor a situação em Timor-Leste, onde persiste a ocupação ilegal da Indonésia. Exigiram a retiradas das forças indonésias do território maubere e reafirmaram a necessidade da Comunidade Internacional garantir ao Povo Timorense o seu legítimo direito à autodeterminação no espírito das resoluções pertinentes das Nações Unidas.

Ao terminarem os seus trabalhos, os dois Chefes de Estado congratularam-se pelo elevado espírito de amizade e compreensão em que decorreram os diversos contactos entre as duas Delegações e registaram com grande satisfação o êxito de que se revestiram, tendo acordado na conveniência de intensificar as consultas mútuas sobre assuntos de interesse comum, quer no âmbito bilateral, quer no plano das questões que importam à Comunidade internacional.

Como expressão do interesse manifestado por ambas as partes de estreitar as relações de cooperação entre os dois Países, foi assinado, no final das conversações oficiais, um Acordo Especial de Cooperação no domínio do Turismo e Hotelaria e o Documento Final das Conversações havidas entre as Delegações Governamentais Angolana e Portuguesa.

O Presidente Ramalho Eanes agradeceu ao Presidente José Eduardo dos Santos ao Povo Angolano o fraterno acolhimento que lhe foi dispensado e à sua Comitativa, que constituiu expressão dos fortes laços de amizade que ligam o Povo Angolano ao Povo Português.

O Presidente António Ramalho Eanes convidou o Presidente José Eduardo dos Santos a visitar oficialmente Portugal. O convite foi aceite com satisfação, devendo a data ser posteriormente fixada através dos canais diplomáticos.

Luanda, 19 de Abril de 1982.

CONVENÇÃO NACIONAL DEMOCRÁTICA

APA ADERE

Várias organizações populares decidiram lançar uma iniciativa, a todos os títulos notável, de discussão pública, livre e aberta da *revisão constitucional*.

À Convenção Nacional Democrática aderiram centenas de colectividades de cultura e recreio, desportivas, associações culturais, de estudantes e jovens, Sindicatos, etc.

A Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola, louvando a iniciativa,

decidiu transmitir a sua adesão ao Executivo da Comissão Promotora, em funcionamento na Rua da Voz do Operário, 13, em Lisboa.

EMBAIXADA ANGOLANA TEM NOVAS INSTALAÇÕES

Foram inauguradas oficialmente no passado dia 4 de Fevereiro as instalações definitivas da Embaixada da República Popular de Angola em Portugal.

Durante o acto inaugural foi descerrado um busto do Guia Imortal da Revolução Angolana,

Fundador da RPA e do MPLA-Partido do Trabalho, Presidente António Agostinho Neto.

O Embaixador Adriano João Sebastião procedeu à inauguração das instalações enaltecendo o significado daquele acto. À cerimónia assistiram diversas individualidades.

Uma exposição poética sobre a obra de Agostinho Neto e visitas à sala de Conferências Aníbal de Melo e à biblioteca Deolinda Rodrigues de Almeida, foram também pontos altos deste acontecimento. Daniel Matos e Domingos Lopes representaram a APA.

A Embaixada da RPA ficou situada na Avenida da República, 68, em Lisboa.

MARCHA DA PAZ

Uma representação da APA participou no passado dia 16 de Janeiro na Marcha da Paz. Durante a grandiosa manifestação foi novamente exigida a retirada imediata e

incondicional dos racistas sul-africanos do território angolano. O objectivo principal do gigantesco desfile foi, contudo, dizer **NÃO à instalação de armas nucleares em Portugal.**



7822
EA-05
c 66

DELEGAÇÕES

DELEGAÇÃO DO BARREIRO

A APA abriu mais uma delegação, desta vez no Barreiro, com sede na Av. Alfredo da Silva, 12-1.º dt.º.

O núcleo de sócios existentes na localidade, que já deu importante colaboração às recentes comemorações do 21.º Aniversário do Início da Luta Armada de Libertação em

Angola, elegeu em plenário a Direcção Regional no passado dia 22 de Junho, que ficou com a seguinte composição:

Efectivos

- Maria Aliete Gonçalves
- Matias Iria
- Elizabete Gonçalves Matias
- Guinote
- Pedro Mingote

Suplentes

- Jorge Paulo Gonçalves Grave
 - Margarida Faria Feio
- O Barreiro, terra de grandes tradições na luta contra o fascismo e o colonialismo, terá a partir de agora novas possibilidades de expressar a sua solidariedade com a República Popular de Angola.

DELEGAÇÃO DE SINES

Também em Sines, onde existe um forte núcleo de sócios da APA, se realizaram no dia 28 de Maio eleições para a respectiva Direcção Regional, que ficou assim composta:

Efectivos

- Jorge Manuel dos Santos
- Carmo
- Francisco Maria Pereira do O Pacheco
- Maria da Conceição Ferreira
- Joyce Chalupa

Suplentes

- João Floriberto A. P. Joyce
- Chalupa
- António Ernesto da Silva
- Raposo

INAUGURAÇÃO de uma nova fábrica de ar condicionado

(7800 m² de área coberta)



Certos de que o melhor caminho é o do progresso de Portugal, aceitamos o repto do presente lançando o futuro. Construímos uma nova fábrica onde produzimos equipamento para o mercado interno e exportação. Pouparamos divisas ao País. Possuímos capacidade de resposta completa. Criamos mais postos de trabalho.

FNAC

FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO

Estrada de Oulorela, Lotes 20-21 - Carnaxide - Portugal - Tel. 2182842

Aparelhos de janela. Splits e consolas. Centrais horizontais a ar. Centrais verticais a ar. Centrais verticais a água. Fan coils. Unidades de tratamento de ar. Desumidificadores. Pavimentos falsos.



PROCLAMAÇÃO

Ao Povo Angolano combatente, aos guerrilheiros do M.P.L.A., aos soldados de Angola libertada!

O Povo Angolano combatente acaba de conquistar uma vitória decisiva.

O país encontra-se no limiar do objectivo pelo qual, durante treze anos, combatestes, pelo qual meio milhão de patriotas tombou, e centenas de milhares ficaram mutilados.

Soldados patriotas!

Nas chanas, nas matas, nas cidades, nas prisões fostes, durante esta longa marcha, o factor determinante desta vitória.

A vossa coragem, a vossa determinação, o sacrifício patriótico, as vossas armas ao serviço da causa do nosso Povo e do M.P.L.A., obrigaram o inimigo a reconhecer a Angola o direito a ser independente.

Combatentes do Povo!

Nesta hora em que o povo é chamado a assumir as suas responsabilidades históricas numa Angola independente, interesses inconfessáveis agitam-se, procurando desvirtuar aquilo por que lutastes durante treze anos.

Comaradas!

Com a mesma decisão e firmeza demonstradas nos momentos mais convulsos do combate libertador, assumi as vossas responsabilidades actuais.

Continuai o combate pela preservação das conquistas, pela libertação completa da pátria, pela defesa dos interesses das camadas mais exploradas por um regime democrático, popular e progressista, pela nação una e indivisível, pela integridade territorial, pela participação independente e soberana no concerto livre das nações.

Soldados e comandantes!

Sobre as ruínas de Karipande e de Miconje, reflectindo a vontade manifesta de todos os que lutaram de armas na mão, fiéis à memória dos nossos mortos, de acordo com o estipulado na lei reguladora dos organismos militares

PROCLAMAMOS:

A constituição das Forças Armadas Populares de Angola (F.A.P.L.A.)

Como instituição autónoma subordinada à direcção política do M.P.L.A.

A integração nas F.A.P.L.A. de todas as forças militares e de defesa popular.

A decisão inabalável de continuar o combate, por todos os meios, e oelos objectivos que nos propusemos.

GLÓRIA ÀS F.A.P.L.A.!
VIVA O M.P.L.A.!
A VITÓRIA É CERTA!

As sanções à África do Sul e a hipocrisia do Governo Português

(Continuado da pág. 2)

da "situação na África do Sul (análise política internacional)", o "Ano Internacional de Mobilização para Sanções contra a África do Sul", as sanções compreensivas e mandatórias contra o mesmo país, contra a proibição de "colaboração militar e nuclear com a África do Sul" e contra os boicotes de desportos, cultural e assuntos académicos. Portugal (pudera!) absteve-se nos embargos de armas e petróleo aos racistas, bem como na realização duma Conferência Internacional de Sindicatos sobre as sanções em geral; absteve-se quanto à denúncia do eixo Israel-

-África do Sul, e quanto à acção pública e informativa contra o apartheid, concretamente no papel da comunicação social na luta contra esta aberração ainda vigente no sul do continente africano.

Na Resolução 36/51, de 24.11.81, sobre as actividades das relações internacionais, económicas e outras, que impedem a implementação de Declaração de Independência dos países sobre o controlo colonial, na Namíbia e outros territórios, para a eliminação do colonialismo, do apartheid e da discriminação racial na África Austral, o nosso país votou

contra! O representante português absteve-se quanto à implementação das declarações para conceder a independência aos países ainda colonizados e para a desnuclearização de África!

Em resumo, para o actual governo de Lisboa a Constituição da República Portuguesa é letra morta. A AD e a sua enfraquecida base social de apoio, tão afoitas em estrebuchar quando se esvaem os planos imperialistas de aniquilamento do socialismo na Polónia, são incapazes de acender velinhas à varanda pelas vítimas dos regimes onde reina a desumanidade, onde impera o fascismo e a miséria, onde todos os dias morre gente em defesa dos seus direitos mais elementares.

Palavras para quê!? São governantes portugueses, por enquanto...

Visita de uma delegação da APA à República Popular de Angola

Entre 18 e 27 de Janeiro de 1982, a convite da Liga Angolana de Amizade e Solidariedade com os Povos, visitou a República Popular de Angola uma delegação da Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola, composta por Daniel de Matos e Domingos Lopes, respectivamente Presidente e Vice-Presidente.

A delegação da APA, durante a sua estada, teve diversos contactos com a realidade angolana.

Visitou a província de Cabinda onde foi recebida pelo Comissário Provincial Adjunto, Camarada José Sumbu. Naquela província a delegação da APA visitou os pontos históricos da cidade de Cabinda, a Cabinda Gulf Oil, a Turbina a Gás, as Fábricas de Pau Rosa, Abílio Amorim, Orix e Hoji Ya Enda, o Hospital Provincial e as escolas do MPLA-PT. A delegação teve também um encontro com a comunidade portuguesa residente naquela província e assistiu a uma sessão cultural (música tradicional de Cabinda) no cine-teatro Chiloango.

Na província do Bengo visitou o Parque Nacional de Kissama.

Visitou a cintura industrial de Luanda e no Município de Viana foi recebida pelo respectivo Comissário Municipal. Aí efectuou-se uma visita à ENACMA, fábrica de montagem de autocarros e automóveis ligeiros.

Foi recebida na União dos Escritores Angolanos por António Jacinto, membro do C.C. e da Comissão do Controlo do MPLA-PT, por Maria Eugénia Neto e António Cardoso, Secretário-Geral da União de Escritores Angolanos. Na ocasião, a delegação da APA fez uma comunicação ao auditório sobre a importância do desenvolvimento das relações de amizade e solidariedade entre os dois povos e os respectivos países.

Nos encontros havidos com uma delegação da LAASP, chefiada pelo seu Presidente, Camarada Domingos Coelho da Cruz e que integrava ainda, Joaquim Cabral, Secretário-Geral, Alcântara Monteiro e Abílio Gomes, Vice-Presidentes, foram trocadas

informações sobre a actividade das respectivas organizações, sobre aspectos da situação política nos respectivos países e na África Austral e delineadas formas de intensificar as relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre a APA e a LAASP.

A delegação da APA informou sobre os resultados da Campanha de Solidariedade Material em curso, em Portugal, a favor das vítimas da agressão racista sul-africana no solo pátrio angolano. Os representantes da APA manifestaram a sua solidariedade com a luta do povo irmão angolano dirigida pelo MPLA-PT para expulsar os racistas sul-africanos do sul de Angola e pela construção da nova sociedade liberta da exploração do homem pelo homem.

A delegação da LAASP manifestou a sua solidariedade à luta do povo português pela defesa do regime democrático consagrado na Constituição da República.

As suas delegações reafirmaram a sua mais viva condenação do regime ignominioso do "apartheid" e manifestaram a sua solidariedade aos povos em luta da Namíbia e da África do Sul dirigidos respectivamente pela SWAPO e pelo ANC.

Todos os encontros decorreram num ambiente de grande Amizade, camaradagem e respeito mútuo. Foram assentes novas formas de cooperação entre as duas Associações.

